



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a reunião de Cúpula dos Países Amazônicos e França sobre Mudança do Clima

Manaus-AM, 26 de novembro de 2009

Jornalista: Presidente, a Cúpula, que teve nove presidentes convidados, apenas seis vieram... Vai sair um documento... apenas três vieram, desculpa. Vai sair um documento aqui. Eu queria saber: qual a força que o senhor vê nesse documento como uma voz da região amazônica, quando dois terços dos presidentes convidados não conseguiram vir para discutir o tema?

Presidente: Eu não sei por que, mas eu sabia que esta pergunta ia ser feita. Você tem noção de quantas vezes o Celso Amorim viaja e fala em nome do Brasil, mesmo o Presidente não estando presente? Ou você tem noção de quantos acordos que os meus ministros firmam lá fora, mesmo sem a presença do Presidente da República? Ora, nós temos que respeitar a data e os compromissos de cada presidente da República.

Só teve duas coisas, duas novidades neste encontro de hoje, que foi a ausência do presidente Chávez, porque o presidente Mahmoud Abbas não estava previsto ir à Venezuela, e pediu para passar na Venezuela, e eu acho legítimo que o Chávez tenha recebido o presidente Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina; e o companheiro Uribe, que ligou ontem à noite e que, por problema de doença, não veio. O restante, nós sabíamos que os presidentes não poderiam vir porque estavam com compromissos agendados no exterior. Bem, e o Evo Morales, que tem um problema tão grave quanto esse, que é a questão das eleições internas para presidente da República na Bolívia. Estão aqui os presidentes que tiveram agenda para vir: o presidente Jagdeo, que é um companheiro que tem tido uma luta enorme na



questão ambiental; o companheiro Sarkozy, que nos encontramos no mês passado em Paris, e ele disse que em qualquer data que marcasse ele viria. E também porque tanto o Jagdeo, quanto o presidente Sarkozy vão participar amanhã de um encontro em Trinidad e Tobago, junto com o Reino Unido, junto com a Austrália e outros países do Caricom.

Veja, eu penso que o documento que nós assinamos hoje, dito inclusive pelos ministros que participaram, tem a mesma validade do que se estivessem presentes todos os presidentes. Primeiro, porque o documento foi discutido antes. A gente não consegue assinar um documento entre nações feito na hora. Isso não é uma emenda de um projeto de lei. Isso é um documento entre chefes de Estado, que certamente todos os chefes de Estado deram um palpite para que os seus ministros viessem ao Brasil.

Eu saio daqui para Copenhague, no dia 15, no dia 16, com a convicção de que nós estamos fazendo, talvez, a mais importante articulação já feita para discutir a questão do clima, que já aconteceu na história da discussão do clima.

Antes, como é que era feita a discussão do clima nos nossos países, e os vários encontros que havia? Muitas vezes, apenas os nossos técnicos, os nossos especialistas se juntavam, discutiam, iam lá fazer o debate e voltavam para nos comunicar o que tinha acontecido. O que aconteceu agora, em cada país? Primeiro, que a responsabilidade é muito maior, ou seja, todos os países estão se dando conta de que a questão do clima já não é mais uma questão de ficção para cientista, não é mais uma questão de ficção apenas de ambientalistas, que se transformou numa questão política de grande envergadura.

E é por isso que, no mundo inteiro, todos os presidentes estão discutindo. Copenhague talvez seja, depois das Nações Unidas, o encontro que vai ter mais chefes de Estado participando. E por quê? Porque tem muita coisa em jogo. E a coisa mais importante que nós vamos discutir é a verdade absoluta de que nós temos que evitar que haja um aquecimento exagerado no



Planeta. E se esse aquecimento acontecer, nos países, a começar pelas ilhas, a começar pelos países que têm muita costa marítima, todos irão sofrer consequências enormes, e todos têm um pouco de responsabilidade.

Portanto, o documento aprovado aqui é o que vai balizar o comportamento dos dirigentes da América do Sul em Copenhague, sem que nenhum presidente abra mão da soberania do seu Estado. Longe de qualquer um de nós tentar dizer para um presidente que ele não tenha outras ideias e outras propostas, porque a soberania dos Estados é intocável.

A presença do presidente Sarkozy aqui é um marco muito importante. Eu tenho discutido com o meu amigo Sarkozy e tenho dito para ele que ele tem uma vantagem comparativa com os demais países europeus, e que ele precisaria tirar proveito disso nas discussões da União Europeia, que é o fato de ser o único país europeu que tem fronteira com o Brasil e tem uma fronteira amazônica, ou seja, é um país que tem fronteira na Amazônia. Portanto, a França participa das mesmas preocupações aqui no continente, que nós temos aqui.

Esse documento que nós assinamos aqui vai balizar o nosso comportamento para a perspectiva de construção de acordo com outros países. Todos nós estaremos lá dia 15, dia 16, dia 17 e dia 18. Acho que é a oportunidade de conquistar uma evolução muito grande na questão do clima.

Vocês estão lembrados de que parecia que a reunião de Copenhague ia ser totalmente esvaziada, que não ia participar nenhum chefe de Estado. Hoje, os Estados Unidos já têm número, – não é o que eu gostaria, mas já têm número – em função da realidade americana, o presidente Obama apresentou um número. A China já está apresentando um número, e nós estamos aqui, discutindo entre nós. O problema não é apenas a apresentação de números. É, sobretudo, assumirmos compromisso de que as responsabilidades nossas são diferenciadas e que tem países que têm mais responsabilidades do que outros; que os países mais pobres precisam receber ajuda financeira, não para impedir



o desenvolvimento desses países, mas para facilitar, com dinheiro e com novas tecnologias, que eles possam se desenvolver e ter o mesmo padrão de vida que têm o padrão de vida de outros países mais desenvolvidos.

Ou seja, a hora é de uma responsabilidade coletiva que nós estamos assumindo, e nós não vamos fazer uma reparação nos erros históricos nossos em apenas alguns anos. Vai levar algumas décadas, e Copenhague é um extraordinário começo. É como se nós estivéssemos construindo a Muralha da China, ou seja, Copenhague, nós estaremos colocando – não sei se alguém aqui já foi à Muralha da China, já andou nela, é longa, cansativa e foi difícil de ser feita, mas alguém teve que colocar a primeira pedra. Alguém teve que colocar, fazer o primeiro degrau. E nós estamos fazendo de Copenhague a possibilidade de a gente construir o primeiro degrau no estabelecimento de uma política mais responsável para cuidar do Planeta de todos nós.

Eu ainda fico feliz porque Deus, na sua sabedoria maior, fez o mundo redondo. Se fosse retangular ou quadrado, tinha país que estava em uma ponta e falava: “bom, o aquecimento global não vai chegar aqui”. Mas como o mundo gira, todo mundo vai ser vítima igual do aquecimento global. Portanto, entre ricos e pobres, todos têm que cumprir com uma tarefa; e os pobres têm que ser ajudados, sem que nenhum país abra mão da sua soberania. Daí porque este documento aprovado aqui, hoje, vai balizar, certamente, o comportamento meu, o comportamento do Jagdeo, o comportamento de todos os outros presidentes da República, sem impedir que eles possam apresentar novas propostas lá em Copenhague.

Eu, portanto, acho que Copenhague vai ser um momento histórico, de muita responsabilidade, para que a Humanidade discuta os problemas causados pela própria Humanidade.

(\$31FGJLMP)